

Terapia do esquema de Jeffrey Young: instrumentos de avaliação de esquemas, modos e estilos parentais no Brasil

Jeffrey Young's Schema Therapy: Assessment Instruments for Schemas, Modes, and Parenting Styles in Brazil

Terapia de Esquema de Jeffrey Young: Instrumentos de evaluación de Esquemas, Modos y Estilos Parentales en Brasil

Mara Cristiane von Mühlen¹, Nathalia Basso do Amaral¹, Margareth da Silva Oliveira¹

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Pós-graduação em Psicologia – Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil.

RESUMO

Instrumentos específicos para avaliar os esquemas iniciais desadaptativos (EIDs) ajudam o terapeuta a identificar esquemas e personalizar a intervenção. A avaliação dos modos esquemáticos e dos estilos parentais é essencial para entender o impacto dos esquemas no cotidiano e orientar intervenções efetivas. Este estudo busca apresentar e discutir instrumentos validados para a realidade brasileira que avaliam esquemas, modos e estilos parentais, incluindo mecanismos de evitação e compensação e, ainda, explorar a aplicabilidade desses instrumentos em populações clínicas com diferentes transtornos mentais e da personalidade. Trata-se de uma revisão narrativa, realizada entre novembro e dezembro de 2024. Os achados indicam que um grupo de pesquisa de uma universidade privada brasileira adaptou para a realidade do país os instrumentos Young Schema Questionnaire – S2, Young Schema Questionnaire – S3, Young-Rygh Avoidance Inventory, Young Compensation Inventory e Schema Mode Inventory; o Young Parental Style Inventory foi adaptado por um pesquisador de uma universidade federal brasileira. Todos os instrumentos apresentaram valores de alfa de Cronbach classificados entre “bom” e “excelente”. A avaliação dos esquemas, modos e estilos parentais é fundamental em amostras clínicas, pois esses construtos são importantes para entender e tratar transtornos mentais e da personalidade.

Palavras-chave: Terapia do esquema. Avaliação psicológica. Saúde mental.

ABSTRACT

Specific instruments for assessing Early Maladaptive Schemas help therapists identify schemas and tailor interventions. The evaluation of Schema Modes and Parental Styles is essential to understand the impact of schemas on daily life and guide effective interventions. This study aims to present and discuss validated instruments for the Brazilian context that assess schemas, modes, and Parental Styles, including mechanisms of avoidance and compensation, while also exploring the applicability of these instruments in clinical populations with various mental and personality disorders. It is a mapping review conducted between November and December 2024. The findings indicate that a research group from a private Brazilian university adapted the instruments Young Schema Questionnaire S2, Young Schema Questionnaire - S3, Young-Rygh Avoidance Inventory, Young Compensation Inventory, and Schema Mode Inventory for the Brazilian context, while the Young Parental Style Inventory was adapted by a researcher from a federal Brazilian university. All instruments showed Cronbach's alpha values ranging from “Good” to “Excellent.” The assessment of schemas, modes, and Parental Styles is crucial in clinical samples as these constructs are fundamental to understanding and treating mental and personality disorders.

Keywords: Schema Therapy. Psychological Assessment. Mental Health.

Correspondência:

Mara Cristiane von Mühlen

E-mail: marac.wentz@gmail.com



RESUMEN

Los instrumentos específicos para evaluar los Esquemas Iniciales Maladaptativos ayudan al terapeuta a identificar los esquemas y personalizar la intervención. La evaluación de los Modos Esquemáticos y los Estilos Parentales es esencial para comprender el impacto de los esquemas en la vida diaria y orientar intervenciones efectivas. Este estudio tiene como objetivo presentar y discutir instrumentos validados para la realidad brasileña que evalúan los esquemas, los modos y los Estilos Parentales, incluyendo los mecanismos de evitación y compensación, y explorar la aplicabilidad de estos instrumentos en poblaciones clínicas con diferentes trastornos mentales y de personalidad. Se trata de una revisión de mapeo realizada entre noviembre y diciembre de 2024. Los hallazgos indican que un grupo de investigación de una universidad privada brasileña adaptó para la realidad brasileña los instrumentos Young Schema Questionnaire S2, Young Schema Questionnaire - S3, Young-Rygh Avoidance Inventory, Young Compensation Inventory y Schema Mode Inventory, mientras que el Young Parental Style Inventory fue adaptado por un investigador de una universidad federal brasileña. Todos los instrumentos presentaron valores de alfa de Cronbach clasificados entre "Bueno" y "Excelente". La evaluación de los esquemas, los modos y los Estilos Parentales es fundamental en muestras clínicas, ya que estos constructos son esenciales para comprender y tratar los trastornos mentales y de personalidad.

Palabras clave: Terapia de Esquema. Evaluación Psicológica. Salud Mental.

Destaques de impacto clínico

- Os instrumentos validados no Brasil permitem identificar esquemas disfuncionais, modos esquemáticos e estilos parentais internalizados, orientando intervenções clínicas mais precisas.
- Seu uso favorece devolutivas personalizadas, fortalece o engajamento terapêutico e possibilita acompanhar a evolução clínica do paciente.
- A validação cultural garante sensibilidade às particularidades brasileiras, tornando a prática terapêutica mais eficaz e contextualizada.

Inspirado por conceitos de diferentes abordagens terapêuticas, Young desenvolveu a terapia do esquema, voltada para transtornos psicológicos crônicos, integrando elementos da *Gestalt*, da terapia cognitivo-comportamental (TCC) e da psicanálise (Young *et al.*, 2008). A teoria do apego (Bowlby, 1989, 2002, 2004) e a terapia do esquema compartilham a compreensão sobre a influência das relações familiares e da satisfação das necessidades emocionais na infância no desenvolvimento emocional (Wainer *et al.*, 2016). Pesquisas sobre a eficácia da terapia do esquema indicam resultados positivos, com uma revisão sistemática demonstrando melhorias significativas nos sintomas, nos esquemas iniciais desadaptativos (EIDs) e na qualidade de vida dos participantes após o tratamento (Zhang *et al.*, 2023).

A terapia do esquema é uma abordagem eficaz para identificar, compreender e modificar EIDs, permitindo ao terapeuta personalizar a intervenção e romper o ciclo de perpetuação, promovendo o desenvolvimento de uma vida emocionalmente mais saudável e funcional (Young *et al.*, 2003). Os EIDs são padrões profundos de pensamento e sentimentos formados na infância, a partir de necessidades emocionais não atendidas ou experiências traumáticas, e que influenciam a percepção de si, dos outros e do mundo (Young *et al.*, 2003). Conforme a hipótese de suscetibilidade diferencial de Belsky (1997), esses esquemas resultam da interação entre o ambiente

precoce e o temperamento infantil (Bishop *et al.*, 2022; Sojta & Strzelecki, 2023). Quando persistem na vida adulta, os EIDs podem ter efeitos negativos duradouros e contribuir para o surgimento de transtornos afetivos e da personalidade (Shute *et al.*, 2019).

Os EIDs estão agrupados em categorias que envolvem a percepção da pessoa sobre suas necessidades emocionais básicas, as estratégias de enfrentamento utilizadas e as relações interpessoais. Cada um deles descreve um padrão específico de crenças e sentimentos que se manifestam em diferentes situações, prejudicando o bem-estar e a capacidade de adaptação do indivíduo (Young *et al.*, 2008). Os 18 EIDs são organizados em cinco categorias principais (Lobbestael *et al.*, 2010; Young *et al.*, 2003): desconexão e rejeição (domínio I); autonomia e desempenho prejudicados (domínio II); limites prejudicados (domínio III); orientação para o outro (domínio IV); e supervigilância e inibição (domínio V). Cada categoria reflete necessidades emocionais essenciais não atendidas durante a infância, como a necessidade de vínculos seguros, o desenvolvimento de autonomia e competência, o estabelecimento de limites adequados, a valorização do eu e a liberdade para expressão e espontaneidade, respectivamente (Young *et al.*, 2008).

Em cada um dos domínios, existem esquemas específicos identificados. No domínio da desconexão e

rejeição, os esquemas incluem privação emocional, abandono/instabilidade, desconfiança/abuso, isolamento social, e defectividade/vergonha. No segundo domínio – autonomia e desempenho prejudicados –, estão presentes os esquemas de vulnerabilidade ao dano e à doença, dependência/incompetência, fracasso e emaranhamento. No domínio dos limites prejudicados, os esquemas incluem arrogo/grandiosidade e autocontrole/autodisciplina insuficientes. No domínio da orientação para o outro, encontram-se os esquemas de subjugação, autossacrifício, e busca de aprovação e reconhecimento. Por fim, no domínio da supervigilância e inibição, estão os esquemas de padrões inflexíveis, isolamento emocional, negativismo/pessimismo e postura punitiva (Young *et al.*, 2008).

Três processos principais contribuem para a manutenção dos esquemas: resignação, em que os indivíduos aceitam os esquemas como parte de sua realidade; evitação, que envolve evitar situações que possam ativar o esquema; e compensação, que se refere a comportamentos adotados para contrapor o esquema (Arntz *et al.*, 2021). Cada um desses processos atua de maneira a confirmar as crenças centrais disfuncionais, impedindo que o esquema seja desafiado ou modificado. Com isso, os EIDs permanecem ativos ao longo do tempo, dificultando a mudança e o crescimento emocional (Young *et al.*, 2008).

Esses EIDs, juntamente aos estilos parentais (Baumrind, 1966; Darling & Steinberg, 1993; Pilkington *et al.*, 2021; Young *et al.*, 2003) e aos modos esquemáticos (Arntz & Jacob, 2013; Arntz *et al.*, 2021; Young *et al.*, 2008), influenciam diretamente a percepção do indivíduo sobre si, sobre os outros e sobre o

mundo, com frequência contribuindo para o desenvolvimento de transtornos emocionais e da personalidade. Darling e Steinberg (1993) destacam que os estilos parentais influenciam diretamente o desenvolvimento emocional e psicológico das crianças. Baumrind (1966) acrescenta que as práticas familiares são fundamentais para a formação da integridade pessoal e social. Estilos parentais disfuncionais, inclusive os excessivamente protetores, podem favorecer o surgimento de EIDs, como os de dependência ou incompetência (Pilkington *et al.*, 2021). Segundo Young *et al.* (2003), esses estilos refletem os padrões de cuidado vivenciados na infância e na adolescência, influenciando a personalidade. O modelo de Young organiza os estilos parentais em cinco áreas, propondo 18 estilos que se correlacionam com os 18 EIDs (Valentini & Alchieri, 2009; Young *et al.*, 2008).

A manifestação dos EIDs pode ser observada por meio dos modos esquemáticos, que são estados emocionais e comportamentais resultantes da ativação desses esquemas em situações específicas (Young *et al.*, 2008). Esses modos refletem diferentes aspectos da personalidade, com padrões específicos de pensamentos, sentimentos e comportamentos (Arntz & Jacob, 2013). Eles são agrupados em quatro categorias, conforme exposto na Tabela 1.

Esses modos podem ser adaptativos, representando comportamentos saudáveis, ou desadaptativos, envolvendo emoções e comportamentos disfuncionais que agravam as dificuldades do indivíduo, prejudicando seu bem-estar e suas relações (Arntz & Jacob, 2013). Embora haja poucos estudos sobre os modos esquemáticos, as evidências sugerem sua

Tabela 1. Modos de enfrentamento

Categoria	Modo esquemático	Descrição
1) Modos da criança	Criança vulnerável	Sentimentos intensos de tristeza, medo, solidão, vergonha ou desamparo; reflete necessidades emocionais básicas não atendidas.
	Criança zangada	Raiva e frustração por ter sido negligenciada ou maltratada; reage de forma explosiva às frustrações atuais.
	Criança impulsiva/indisciplinada	Busca satisfação imediata de desejos, sem considerar regras ou consequências.
2) Modos dos pais disfuncionais	Pai punitivo/crítico	Autoimagem negativa marcada por autocritica severa e sentimento de culpa, como se merecesse punição.
	Pai exigente	Pressiona o indivíduo a cumprir padrões rígidos e perfeccionistas, negligenciando as próprias necessidades e limites.
3) Modos de enfrentamento	Capitulador complacente	Submete-se às vontades dos outros, anulando a própria identidade para evitar rejeição ou conflito.
	Protetor desligado	Evita emoções e relacionamentos ao se desconectar, agir de forma fria ou usar distrações excessivas.
	Hipercompensador	Exibe o oposto do que sente internamente, buscando controle, superioridade ou perfeição como forma de esconder fragilidades.
4) Modos saudáveis	Adulto saudável/feliz	Age com equilíbrio, protege a criança vulnerável, regula os outros modos e toma decisões realistas e funcionais.
	Criança saudável/feliz	Vive emoções positivas como alegria, espontaneidade, segurança e conexão, expressando suas necessidades de forma saudável.

Fonte: Adaptada de Arntz e Jacob (2013) e Young *et al.* (2008).

relevância no tratamento de transtornosclínicos (Bär *et al.*, 2023) (Tabela 1).

Na psicoterapia, esses modos, com os EIDs e os estilos parentais, frequentemente contribuem para a resistência ao tratamento e para a recaída em transtornos mentais, como depressão, ansiedade e ataques de pânico (Gollapalli *et al.*, 2023). Dessa maneira, ao utilizar ferramentas específicas para avaliar esses construtos, como inventários, por exemplo, o terapeuta pode mapear os esquemas, os estilos e os modos presentes, facilitando a personalização da intervenção terapêutica e a adesão ao tratamento (Krupiniski & Gomide, 2022; Mota & Assunção, 2023). Para avaliação clínica na terapia do esquema, podem ser utilizados o Questionário de Esquemas de Young, o Inventário de Estilos Parentais e o Inventário de Modos Esquemáticos, permitindo identificar os EIDs, os estilos parentais e os modos esquemáticos, respectivamente (Young *et al.*, 2008).

Assim, este estudo busca apresentar e discutir instrumentos validados para a realidade brasileira que avaliam os esquemas, os modos esquemáticos e os estilos parentais, incluindo mecanismos de evitação e compensação e, ainda, explorar a confiabilidade e a aplicabilidade desses instrumentos em populações clínicas com diferentes transtornos mentais e da personalidade. Espera-se destacar a importância de conhecer os instrumentos validados para a realidade brasileira, uma vez que muitas das ferramentas utilizadas na terapia do esquema foram originalmente desenvolvidos em contextos culturais distintos.

MÉTODO

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, realizada entre 2 de novembro e 8 de dezembro de 2024, para a qual foi realizada uma busca de publicações relacionadas aos instrumentos de avaliação utilizados na terapia do esquema com ênfase nas contribuições do Grupo de Avaliação e Atendimento em Psicoterapia Cognitivo-comportamental (GAAPCC) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Esse grupo recebeu permissão do Dr. Jeffrey Young, criador da terapia do esquema, para realizar a validação dos instrumentos relacionados aos esquemas no Brasil. Essa autorização conferiu ao grupo o direito exclusivo de traduzir, adaptar e validar as seguintes ferramentas: Young Schema Questionnaire – Short Form 3 (YSQ-S3), Young-Rygh Avoidance Inventory (YRAI), Young Compensation Inventory (YCI) e Schema Mode Inventory (SMI). A permissão do Dr. Young assegura que nenhum outro grupo de pesquisa no Brasil poderá realizar novas traduções desses instrumentos, garantindo a utilização exclusiva das versões adaptadas pelo GAAPC. Além dos instrumentos validados por esse grupo, apresenta-se o Young Parental Style Inventory (YPI), adaptado por Valentini, Alchieri e Laros (2013), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

A busca foi realizada no Diretório de Teses e Dissertações da PUCRS, que disponibiliza trabalhos acadêmicos e de

pesquisa da instituição. Além disso, foram utilizadas as bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal de Periódicos em Psicologia (PePSIC) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, apresenta-se a análise dos resultados da busca realizada sobre os instrumentos de avaliação na terapia do esquema (Tabela 2). Ademais, serão discutidos os achados, destacando suas contribuições para a prática clínica.

Para a avaliação dos EIDs, estilos parentais e modos esquemáticos, Jeffrey Young desenvolveu uma série de instrumentos especializados. A Tabela 2 apresentou as principais ferramentas utilizadas na terapia do esquema, destacando-se as versões adaptadas para a realidade brasileira, os autores responsáveis pela validação, o número de itens, de domínios e os resultados sobre sua validade psicométrica. A Tabela 3 apresenta a descrição das amostras utilizadas no processo de validação dos instrumentos.

O Young Schema Questionnaire (YSQ) é um dos principais instrumentos utilizados para identificar os EIDs em adultos (Young & Brown, 2005). Para essa população, além da versão completa (YSQ-L3), validada por Ferronato (2021), existem versões reduzidas que possibilitam a investigação dos elementos mais representativos de cada esquema. O YSQ-S2 avalia 15 EIDs por meio de 75 itens, enquanto o YSQ-S3 avalia 18 EIDs (incluindo busca de aprovação e reconhecimento, negativismo/pessimismo, e postura punitiva) e serve para avaliar a presença dos EIDs em adultos, mas com 90 itens.

Em 2012, Cazassa e Oliveira validaram o YSQ-S2 para a realidade brasileira, e esse instrumento tem sido amplamente utilizado em diversas pesquisas (Cazassa & Oliveira, 2012), como na avaliação de EIDs em pessoas com sintomas depressivos (Ribeiro *et al.*, 2014), alcoólatras (Silva *et al.*, 2012) e para investigar diferenças entre homens e mulheres, com destaque para um estudo no qual as mulheres apresentaram pontuações mais altas do que os homens em esquemas como fracasso, vulnerabilidade ao dano e à doença, autossacrifício e inibição emocional (Luz *et al.*, 2014). O YSQ-S2 também foi utilizado para avaliar EIDs em pacientes bariátricos (Camargos *et al.*, 2020). Já o YSQ-S3 foi validado no Brasil por Souza *et al.* (2020), e Ferronato *et al.* (2023) investigaram as diferenças entre as modalidades de coleta *on-line* e em papel. Os autores concluíram que há uma diferença mínima entre os resultados obtidos nas duas modalidades, indicando que ambos os métodos são válidos para a aplicação do YSQ-S3 (Ferronato *et al.*, 2023).

Os EIDS têm mostrado seu valor na avaliação de transtornos clínicos (Bär *et al.*, 2023), não se limitando apenas aos transtornos da personalidade, mas também informando o tratamento de diversas condições. Os EIDS funcionam como conceitos transdiagnósticos, indicando uma vulnerabilidade geral à psicopatologia (Bach & Bernstein, 2019; Dalglish *et al.*, 2020).

Tabela 2. Instrumentos da terapia do esquema: versões adaptadas para a realidade brasileira

Nome do instrumento	Versão brasileira	Validado por	Nº de itens	Domínios	Resultados
Young Schema Questionnaire (YSQ-2)	Questionário de Esquemas de Young – versão reduzida (YSQ-S2)	Cazassa e Oliveira (2012)	75	5	O instrumento apresentou alta consistência interna (alfa de Cronbach de 0,955 para os 75 itens). Os coeficientes dos 15 esquemas variaram entre 0,566 (dependência/incompetência) e 0,905 (fracasso), com a maioria superior a 0,70. A validade concorrente mostrou correlações significativas entre os esquemas e EFN, com coeficientes de Spearman variando de 0,354 (autossacrifício) a 0,637 (autocontrole insuficiente), todos com $p < 0,001$. A validade discriminante foi confirmada, com participantes “acima da média” na EFN apresentando médias significativamente mais altas nos esquemas desadaptativos (p. ex., subjugação: 124,03, 202,36 e 257,24, $\chi^2 = 114,608$, $p < 0,001$). A análise fatorial exploratória identificou 17 fatores, explicando 66,7% da variância, com KMO de 0,893 e $p < 0,001$ no teste de esfericidade de Bartlett.
Young Schema Questionnaire – Short Form 3 (YSQ-3)	Questionário de Esquemas de Young – versão breve (YSQ-S3)	Souza et al. (2020)	90	5	Apresentou evidências robustas de validade psicométrica. A validade de conteúdo foi confirmada por especialistas, com 95,1% de concordância geral, além de alta clareza semântica (97,1%) e fidelidade ao conteúdo original (91,9%). A estrutura interna manteve os 18 EIDs nos cinco domínios teóricos propostos por Young, com equivalência semântica assegurada pela retrotradução aprovada pela ISST. A consistência interna do instrumento foi excelente, com alfa de Cronbach total de 0,965 e alfas das subescalas variando entre 0,67 e 0,92, sendo a maioria superior a 0,80. Esses resultados indicam que o YSQ-S3 é confiável e adequado para avaliação dos esquemas desadaptativos na realidade brasileira.
Schema Mode Inventory (SMI)	Inventário de Modos Esquemáticos (SMI)	Damasceno (2020)	124	4	A consistência interna, avaliada por meio do alfa de Cronbach, variou entre $\alpha = 0,70$ e $\alpha = 0,90$, enquanto os valores de Ômega de McDonald oscilaram entre $\Omega = 0,71$ e $\Omega = 0,91$, indicando fidedignidade adequada das subescalas. A estrutura fatorial foi analisada por meio de AFC, com índices de ajuste considerados satisfatórios: $\chi^2/df = 2,4$, SRMR = 0,065, RMSEA = 0,042, CFI = 0,90 e TLI = 0,90. Além disso, as cargas fatoriais padronizadas foram todas estatisticamente significativas, sendo a maioria superior ao critério mínimo de 0,30.
Young Parental Style Inventory (YPI)	Inventário de Estilos Parentais de Young	Valentini (2009), Valentini et al. (2013)	72	5	Os resultados demonstram boa confiabilidade e validade psicométrica. O alfa de Cronbach para os fatores da escala maternal variou de 0,66 a 0,89, e para a escala paternal, de 0,71 a 0,90, indicando boa consistência interna. A análise de invariância dos parâmetros mostrou que o instrumento mantém um bom ajuste entre subamostras, com TLI variando entre 0,794 e 0,810, e CFI entre 0,782 e 0,799, sugerindo que o modelo é estável em diferentes grupos. A AFC revelou que o modelo de cinco fatores (49 itens) apresentou o melhor ajuste geral, com RMSEA de 0,05 para a escala maternal e 0,06 para a paternal, e TLI de 0,82 para a maternal e 0,81 para a paternal, valores que indicam um bom ajuste do modelo. Em comparação, o modelo de 17 fatores (72 itens) e o modelo de 9 fatores (37 itens) apresentaram ajustes mais fracos, com RMSEA mais altos (0,08 a 0,10) e TLI inferiores a 0,82.

continua...

...continuação

Nome do instrumento	Versão brasileira	Validado por	Nº de itens	Domínios	Resultados
Young Compensation Inventory (YCI)	Inventário de Compensação de Young (YCI)	Santos et al. (2022)	Dominação e manipulação (19 itens); obsessão e organização (10 itens); rebeldia e independência (10 itens); busca de reconhecimento (11 itens)	4	Apresentou boas propriedades psicométricas. A análise fatorial exploratória indicou fatorabilidade adequada (KMO = 0,86; Bartlett: $\chi^2 = 1799,976$; $gl = 1128$; $p < 0,001$), resultando em quatro fatores: dominação e manipulação ($\alpha = 0,85$; $G6 = 0,87$; $\Omega\text{mega} = 0,71$; $eigenvalue = 5,23$); obsessão e organização ($\alpha = 0,75$; $G6 = 0,77$; $\Omega\text{mega} = 0,75$; $eigenvalue = 4,15$); rebeldia e independência ($\alpha = 0,73$; $G6 = 0,74$; $\Omega\text{mega} = 0,69$; $eigenvalue = 3,54$); e busca de reconhecimento ($\alpha = 0,81$; $G6 = 0,81$; $\Omega\text{mega} = 0,91$; $eigenvalue = 3,42$). A saturação mínima considerada foi 0,32; seis itens (18, 22, 25, 27, 44 e 46) não atingiram esse valor. A validade convergente foi verificada por correlações de Spearman entre os fatores do YCI, as dimensões do SCL-90-R e os esquemas do YSQ-53. Os achados confirmam a validade de construto do instrumento.
Young-Rygh Avoidance Inventory (YRAI)	Inventário de Evitação de Young (YRAI)	Santos et al. (2021)	Somatização e busca por estimulação (20 itens); evitação cognitiva (17 itens); retraimento emocional (9 itens)	3	Apresentou indicadores psicométricos satisfatórios. A AFE revelou uma boa adequação amostral, com índice KMO de 0,80 e teste de esfericidade de Bartlett significativo ($\chi^2 = 5537,476$; $gl = 703$; $p < 0,001$). Foram extraídos três fatores com cargas fatoriais iguais ou superiores a 0,32, levando à exclusão dos itens 7 e 9, que não atingiram o critério mínimo de saturação. O fator 1, denominado somatização e busca de estimulação, apresentou coeficiente alfa de Cronbach de 0,84, ômega de 0,87 e Guttman G6 de 0,86. Os itens 3, 4 e 40 têm escore invertido. O fator 2, denominado evitação cognitiva, apresentou alfa de Cronbach de 0,78, ômega de 0,83 e Guttman G6 de 0,83. Já o fator 3, denominado retraimento emocional, apresentou coeficiente alfa de Cronbach de 0,62, ômega de 0,75 e Guttman G6 de 0,67. Os itens 3, 29 e 34 tiveram escore invertido.
Young Schema Questionnaire – Long Form, Third Edition (YSQ-L3)	Questionário de Esquemas de Young – versão longa (YSQ-L3)	Ferronato (2021)	205	5	Apresentou índices satisfatórios na AFC, com CFI e TLI de 0,967, RMSEA de 0,068 e SRMR de 0,062, confirmando a adequação do modelo original de 18 EIDs. As correlações entre as subescalas não indicaram colinearidade significativa, sendo a correlação mais alta entre abandono e defectividade ($r = 0,757$) e a mais baixa entre isolamento social e autossacrifício ($r = 0,169$). A confiabilidade das subescalas, medida pelo alfa de Cronbach ordinal, foi superior a 0,7, com valores de confiabilidade composta variando de 0,741 a 0,962.

Nota: AFC = análise fatorial confirmatória; AFE = análise fatorial exploratória; CFI = Comparative Fit Index; EFN = Escala Fatorial de Ajustamento Emocional/Neuroticismo; EIDs = esquadras iniciais desadaptativas; ISST = International Society of Schema Therapy; KMO = Kaiser-Meyer-Olkin; SCL-90-R = Symptom Checklist-90-Revised; RMSEA = Root Mean Square Error of Approximation; SRMR = Standardized Root Mean Square Residual; TLI = Tucker-Lewis Index; χ^2/df = Qui-quadrado relativo aos graus de liberdade.

Contudo, ainda existem fenômenos clínicos, como as características centrais da esquizofrenia, por exemplo, que podem não ser completamente abrangidos pelo atual conjunto de EIDS (Bär *et al.*, 2023; Khosravani *et al.*, 2021). Dessa forma, uma avaliação precisa dos EIDs permite ao terapeuta guiar o paciente na desconstrução de padrões prejudiciais e na promoção de novas formas de pensar e agir (Nicol *et al.*, 2020).

O uso do YSQ-S3 na avaliação dos EIDs desempenha um papel importante na prática clínica, sendo especialmente relevante em diversos contextos, como na depressão (Bishop *et al.*, 2022; Ribeiro, 2023; Thimm & Chang, 2022; Zanfir, 2024), nos transtornos alimentares (Maher *et al.*, 2022), no transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) (Aflakian *et al.*, 2023; Peeters *et al.*, 2022; Remmerswaal *et al.*, 2023; Thimm & Chang, 2022), no transtorno bipolar (Korkmaz *et al.*, 2024), em problemas interpessoais (Janovsky *et al.*, 2020), nos comportamentos aditivos (Sberse *et al.*, 2023; Vieira *et al.*, 2023), nos transtornos da personalidade (Ávila *et al.*, 2023; Sberse *et al.*, 2023; Thimm & Chang, 2022), no transtorno da compulsão alimentar (Sales & Camargo Palma, 2021), no suicídio (Costa *et al.*, 2023; Gražka & Strzelecki, 2024), na autolesão não suicida (von Mühlen & von Mühlen, 2024) e no transtorno por uso de substâncias (TUS) (Pumariega, 2024).

O uso do YSQ-S3 vai além da simples identificação dos EIDs, uma vez que permite ao clínico ter uma compreensão mais ampla de como esses esquemas influenciam os sintomas. Por exemplo, na depressão (Bishop *et al.*, 2022; Ribeiro, 2023), a avaliação dos EIDs pode ajudar a identificar esquemas como

defectividade/vergonha e fracasso, que estão frequentemente presentes e podem ser essenciais para compreender o sofrimento e a perpetuação dos sintomas depressivos (Amiri & Razmi, 2023; Ribeiro, 2023). Isso permite que os terapeutas personalizem as intervenções, focando em esquemas específicos que precisam ser trabalhados para aliviar o sofrimento emocional.

Em condições como o transtorno da personalidade *borderline* (TPB) (Sberse *et al.*, 2023), a avaliação dos EIDs é fundamental para entender as causas subjacentes dos comportamentos impulsivos e das dificuldades nas relações interpessoais, associadas ao abandono/instabilidade, defectividade/vergonha e dependência/incompetência. No TOC (Aflakian *et al.*, 2023; Peeters *et al.*, 2022), a identificação de esquemas como dependência/incompetência ou perfeccionismo pode orientar intervenções que ajudem a diminuir a rigidez nos pensamentos e a promover maior flexibilidade emocional.

Além disso, no caso de comportamentos aditivos (Rubio-Escobar *et al.*, 2024; Vieira *et al.*, 2023), os EIDs fornecem pistas essenciais sobre as crenças e as necessidades emocionais que alimentam o uso de substâncias, o que facilita ao terapeuta trabalhar as origens desses padrões disfuncionais. No TUS, a identificação dos EIDs de padrões inflexíveis, inibição emocional, isolamento social/alienação, desconfiança/abuso, abandono/instabilidade e privação emocional (Pumariega, 2024) facilita a análise dos mecanismos de enfrentamento que o paciente desenvolveu ao longo do tempo, como a evitação emocional ou o isolamento social, que muitas vezes se perpetuam no contexto do transtorno (Grigorian *et al.*, 2020; Sakulsriprasert *et al.*, 2023).

Tabela 3. Descrição das amostras utilizadas por instrumento

Instrumento	Variável	Média (anos)	DP	
YSQ-S2	Idade	28,5	10,14	
	Gênero	Categoria	n	%
		Masculino	115	30,9
	Escolaridade	Feminino	257	69,
		Ensino fundamental	23	6,0
		Ensino médio completo	182	48,1
		Ensino superior	130	34,4
	Região/cidade	Pós-graduação	35	9,2
		Não informada	9	2,4
		Porto Alegre	372	100
YSQ-S3		Média (anos)	DP	
	Idade	30,94	9,82	
	Gênero	Categoria	n	%
		Feminino	144	72,0
	Escolaridade	Masculino	56	28,0
		Ensino médio incompleto e completo	5	2,5
		Ensino superior incompleto	75	37,5
	Ensino superior completo	44	22,0	

continua...

...continuação

Instrumento	Variável	Média (anos)	DP	
		Média (anos)	DP	
SMI	Idade	32,3	12,6	
		Categoria	n	
	Gênero	Feminino	740	72,0
		Masculino	287	28,0
	Escolaridade	Ensino médio completo	75	7,3
		Ensino superior incompleto	267	26,0
		Ensino superior completo	218	21,2
		Mestrado	213	20,7
		Especialização	165	16,1
		Doutorado	89	8,7
	Cor da pele autorreferida	Branca	902	87,9
		Parda	82	8,0
		Preta	31	3,0
		Amarela	10	1,0
		Indígena	2	0,2
		Média (anos)	DP	
YPI	Idade	21,3	6,1	
		Categoria	n	
	Gênero	Feminino	546	59,3
		Masculino	374	40,7
	Estado civil	Solteiros	595	64,6
		Outros	325	35,4
	Escolaridade	A partir da 2ª série do ensino médio	920	100
	Região/cidade	Natal-RN	625	67,9
		Petrolina-PE	104	11,3
		Brasília-DF	61	6,6
		São Leopoldo-RS	37	4
Região Metropolitana de Porto Alegre-RS		94	10,2	
		Média (anos)	DP	
YRAI/YCI	Idade	34,2	12,9	
		Categoria	n	
	Gênero	Feminino	405	80,6
		Masculino	99	19,4
	Escolaridade	Ensino superior incompleto	144	28,6
		Pós-graduação	133	26,4
		Ensino superior vomepleto	116	23,0
		Mestrado	49	9,8
		Ensino médio completo	42	8,4
		Doutorado	19	3,8
	Classe econômica	A	138	27,4
		B1	137	27,2
		B2	159	31,6
		C1	57	11,4
		C2	10	1,9
D-E		1	0,2	

continua...

...continuação

Instrumento	Variável	Média (anos)	DP	
		Média (anos)	DP	
YSQ-L3	Idade	31,85	10,31	
		Categoria	n	
	Gênero	Masculino	302	12,5
		Feminino	2019	87,5
	Escolaridade	Ensino fundamental completo	13	0,
		Ensino médio incompleto	47	1,
		Ensino médio completo	318	13,2
		Formação técnica	120	5,0
		Ensino superior incompleto	742	30,8
		Ensino superior completo	619	25,7
		Pós-graduação	552	23,0
	Cor da pele autorreferida	Branca	1729	71,7
		Parda	494	20,5
		Preta	139	5,8
		Amarela	42	1,7
		Indígena	7	0,3
		Branca	1729	71,7
	Classe social	A	188	7,8
		B1	212	8,8
		B2	682	28,3
		C1	605	25,1
		C2	523	22,1
		D e E	192	8,0
	Região	Centro-Oeste	106	4,4
Nordeste		177	7,3	
Norte		85	3,5	
Sudeste		1427	59,2	
Sul		616	25,5	

O mesmo ocorre em casos de autolesão não suicida (Aakbari *et al.*, 2022; von Mühlen & von Mühlen, 2024), em que a identificação de EIDs do domínio de desconexão e rejeição servem de base para compreender a necessidade básica infantil não atendida de vínculos seguros (Young *et al.*, 2008), facilitando a escolha das técnicas da terapia do esquema mais adequadas.

Além do YSQ, Young também desenvolveu o Schema Mode Inventory (SMI), que é utilizado para avaliar os diferentes modos esquemáticos e para avaliar os estilos parentais. O autor também elaborou o Young Parental Style Inventory (YPI), projetado para identificar a influência dos pais na formação dos esquemas, mapeando padrões de interação que podem ter contribuído para o desenvolvimento de esquemas disfuncionais. OYPI também visa a avaliar as conexões desses estilos parentais com aspectos psicossociais e psicopatológicos (Young, 1999).

A identificação de modos esquemáticos, mediante o uso do SMI, para a prática clínica é especialmente relevante

nas mais diferentes populações. Por exemplo, estudos relacionados aos modos pais exigentes e protetor desligado foram identificados em pacientes com TOC (Bär *et al.*, 2023); modos criança desadaptativa em pacientes com personalidade *borderline* (Puri *et al.*, 2021; Sberse *et al.*, 2023); modos protetor desligado, hipercompensador, criança impulsiva, pais críticos e punitivos e criança vulnerável em pacientes com TUS (Pumariega, 2024). Essa compreensão auxilia o terapeuta a conduzir as sessões de forma mais adequada às diferentes demandas dos pacientes.

Quanto à relevância de se avaliar os estilos parentais, por meio do YPI, o terapeuta pode identificar padrões específicos de interação entre pais e filhos que contribuem para o surgimento de esquemas disfuncionais, como o estilo controlador, negligente ou abusivo, por exemplo (Young *et al.*, 2008). Isso facilita a adoção de técnicas mais adequadas e norteia o clínico quanto ao uso da reparentalização limitada e da confrontação empática,

técnicas básicas da terapia do esquema. Ao avaliar os estilos parentais, o terapeuta pode identificar interações específicas que perpetuam esses esquemas, como a crítica excessiva de um pai controlador (Joshua *et al.*, 2024), a falta de cuidados de um estilo negligente ou a presença de abusos emocional e físico (Emami *et al.*, 2024). Esses padrões de interação podem ter levado o paciente a internalizar crenças distorcidas sobre si e sobre os outros, como o sentimento de inadequação, abandono ou desconfiança (Young *et al.*, 2008). Por exemplo, se o paciente experimentou um estilo controlador, em que os pais tinham expectativas excessivas e eram punitivos, a reparentalização limitada pode incluir a validação das emoções do indivíduo, promovendo uma sensação de aceitação incondicional, sem julgamento. No caso de um estilo negligente, o terapeuta pode atuar oferecendo segurança emocional e atenção constante, criando um ambiente terapêutico de confiança e acolhimento.

Além disso, Young desenvolveu o Young-Rygh Avoidance Inventory (YRAI) para avaliar os mecanismos de evitação (Young & Rygh, 1994) e o Young Compensation Inventory (YCI) para os mecanismos de compensação relacionados aos EIDs (Young, 1995). Esses comportamentos influenciam diretamente as respostas no YSQ-S3, pois a evitação busca evitar situações que ativem esquemas, enquanto a compensação tenta corrigir ou minimizar a percepção negativa dos esquemas, como a busca por perfeição ou controle (Young *et al.*, 2008). Esses mecanismos podem distorcer ou esconder a real intensidade dos esquemas, dificultando sua identificação precisa. Por exemplo, um paciente que evita situações relacionadas ao esquema de abandono pode subestimar sua presença, enquanto alguém que compensa um esquema de falha pode não perceber os padrões disfuncionais subjacentes. A avaliação desses comportamentos (Ghiasi *et al.*, 2024; Gulder Altuner & Yararbas, 2024) ajuda o terapeuta a entender melhor as estratégias do paciente e a ajustar a abordagem terapêutica, como no caso da violência infantil, tabagismo e uso de substâncias ilícitas associados a EIDs e comportamentos de compensação e evitação (Gulder Altuner & Yararbas, 2024).

Em suma, todos os instrumentos apresentados se complementam. Na prática clínica, eles auxiliam na compreensão das origens dos esquemas e suas manifestações nos comportamentos e nas emoções dos pacientes, permitindo realizar uma intervenção mais precisa e adaptada às necessidades individuais. Contudo, a aplicação dessas ferramentas requer que o terapeuta tenha formação específica em terapia do esquema e as utilize como parte de uma avaliação clínica mais ampla, sempre contextualizando os resultados com a história do paciente. É importante oferecer uma devolutiva cuidadosa e empática e, quando necessário, reaplicar a medida ao longo do processo terapêutico. Entre as limitações, destacam-se a natureza de autorrelato dos instrumentos, que pode ser influenciada por distorções ou estados emocionais momentâneos, a necessidade de atenção a questões culturais e a capacidade reflexiva do paciente. Os instrumentos devem

ser utilizados como recursos complementares à escuta clínica e à avaliação profissional.

Apesar de os instrumentos analisados terem sido aplicados a amostras amplas e variadas, algumas limitações metodológicas devem ser consideradas. A predominância de participantes do sexo feminino, de cor branca e com nível educacional elevado é recorrente na maioria das amostras, o que pode restringir a generalização dos achados para populações mais diversas em termos de gênero, etnia, escolaridade e classe social. Além disso, a maior parte dos dados foi obtida por conveniência, o que implica em viés de seleção e reduz a aleatoriedade da amostra. Outro ponto importante é a concentração de participantes em faixas etárias específicas – principalmente adultos jovens, limitando a aplicabilidade dos resultados a outras faixas etárias, como adultos mais velhos. Em alguns casos, há também uma distribuição geográfica concentrada em determinadas regiões do Brasil, o que pode não refletir toda a diversidade cultural e socioeconômica do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi apresentar e discutir estudos de avaliação com instrumentos validados para a realidade brasileira, capazes de mensurar EIDs, modos esquemáticos, estilos parentais, além de mecanismos de evitação e compensação, considerando sua aplicabilidade em populações clínicas com diferentes transtornos mentais e da personalidade. A partir da análise dos estudos e instrumentos relacionados à terapia do esquema, foi possível observar uma diversidade de abordagens e contribuições sobre a utilização desses métodos, assim como as implicações terapêuticas dessas ferramentas. A revisão realizada, com foco na validação dos instrumentos pelo GAAPCC, permitiu identificar a aplicação dos instrumentos adaptados aos mais diferentes transtornos mentais e da personalidade. Por meio de medidas como YSQ-S2, YSQ-S3, SMI, YPI, YRAI e YCI, o terapeuta pode identificar esses padrões e adaptar intervenções específicas.

Apesar de destacar a relevância dos instrumentos de avaliação na terapia do esquema, este estudo apresenta algumas limitações que merecem ser consideradas. A principal está no delineamento adotado, que se caracteriza por uma revisão narrativa. Esse tipo de revisão, embora útil para fornecer uma visão geral sobre os instrumentos validados para a realidade brasileira, não permite uma análise experimental ou longitudinal mais aprofundada, que poderia proporcionar evidências mais robustas sobre a eficácia desses instrumentos no contexto clínico.

REFERÊNCIAS

- Aakbari, M., Mohammadkhani, S., Babaeifard, M., & Shokrani, B. (2022). The relationship between early maladaptive schemas and non-suicidal self-injury: A systematic review. *Journal of Research and Health*, 12(4), 227-238.

- Aflakian, M., Atashpour, H., & Khayatan, F. (2023). Comparison of the effectiveness of the schema therapy package based on psychosocial issues of obsessive-compulsive patients with cognitive-behavioral therapy on early maladaptive schemas and anxiety in patients with obsessive-compulsive disorder. *Journal of Adolescent and Youth Psychological Studies (JAYPS)*, 4(5), 129-137.
- Amiri, S., & Razmi, A. (2023). Early maladaptive schemas and depression: Epigenetics as a possible link. *Medical Hypotheses*, 179, 111151.
- Arntz, A., & Jacob, G. (2013). *Schema therapy in practice: An introductory guide to the schema mode approach*. Wiley Blackwell.
- Arntz, A., Rijkeboer, M., Chan, E., Fassbinder, E., Karaosmanoglu, A., Lee, C. W., & Panzeri, M. (2021). Towards a reformulated theory underlying schema therapy: Position paper of an international workgroup. *Cognitive Therapy and Research*, 45(6), 1007-1020.
- Ávila, A. C., Tavares, M. E. A. M., Souza, L. H., Sberse, L. B., & Oliveira, M. S. (2023). Questionário de esquemas de Young em populações com transtornos mentais: Revisão sistemática. *Psicologia Argumento*, 41(114), 3592-3615.
- Bach, B., & Bernstein, D. P. (2019). Schema therapy conceptualization of personality functioning and traits in ICD-11 and DSM-5. *Current Opinion in Psychiatry*, 32(1), 38-49.
- Bär, A., Bär, H. E., Rijkeboer, M. M., & Lobbestael, J. (2023). Early maladaptive schemas and schema modes in clinical disorders: A systematic review. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 96(3), 716-747.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative control of child behavior. *Child Development*, 37(4), 887-907.
- Belsky, J. (1997). Variation in susceptibility to environmental influence: An evolutionary argument. *Psychological Inquiry*, 8(3), 182-186.
- Bishop, A., Younan, R., Low, J., & Pilkington, P. D. (2022). Early maladaptive schemas and depression in adulthood: A systematic review and meta-analysis. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, 29(1), 111-130.
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego*. Artes Médicas.
- Bowlby, J. (2002). *Apego: A natureza do vínculo*. Martins Fontes.
- Bowlby, J. (2004). *Apego e perda: Separação: Angústia e raiva*. Martins Fontes.
- Camargos, S. P. D. S., Montagnero, A. V., Lopes, R. F. F., & Lima, A. F. M. (2020). Esquemas iniciais desadaptativos em pacientes pré e pós-bariátricos. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 16(1), 34-41.
- Cazassa, M. J., & Oliveira, M. D. S. (2012). Validação brasileira do questionário de esquemas de Young: Forma breve. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29(1), 23-31.
- Costa, S. M. P. D. S., de-Souza, W. F., Hildebrandt, F. M. P., Wainer, R., & Ferreira, B. D. B. M. (2023). Esquemas iniciais desadaptativos e suicídio: Uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 19(1), 104-112.
- Dagleish, T., Black, M., Johnston, D., & Bevan, A. (2020). Transdiagnostic approaches to mental health problems: Current status and future directions. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 88(8), 179-195.
- Damasceno, E. S. (2020). *Adaptação e evidências de validade do Inventário de Modos Esquemáticos (Schema Mode Inventory - SMI) para a população brasileira* [tese de doutorado]. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as a context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 13(3), 487-496.
- Emami, M., Moghadasin, M., Mastour, H., & Tayebi, A. (2024). Early maladaptive schema, attachment style, and parenting style in a clinical population with personality disorder and normal individuals: A discriminant analysis model. *BMC Psychology*, 12(1), 78.
- Ferronato, F. G. (2021). *Validação do Questionário de Esquemas de Young – versão longa (YSQ-L3) para uso no Brasil* [dissertação de mestrado]. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Ferronato, F. G., Rospide, E. B., Carvalho, C. D. P., Guths, P., & Oliveira, M. S. (2023). Comparação de métodos versões papel-caneta e online do young schema questionnaire (YSQ-S3). *Aletheia*, 56(1), 94-108.
- Ghiasi, M., Yadollahi, S., Izadi, S., Sadri, M., Mohammadi, F., Jafarzade Jahromi, Z., & Pasandideh, Z. (2024). The effect of parenting styles on early maladaptive schemas with the mediating role of overcompensation and avoidance coping styles. *Shenakht Journal of Psychology and Psychiatry*, 11(2), 63-77.
- Gollapalli, S., Ang, B., & Ng, S. K. (2023). Identifying early maladaptive schemas from mental health question texts. In H. Boamor, J. Pino & K. Bali (Eds.). *Findings of the Association for Computational Linguistics: EMNLP 2023* (pp. 11832-11843). Association for Computational Linguistics.
- Grażka, A., & Strzelecki, D. (2023). Early maladaptive schemas and schema modes among people with histories of suicidality and the possibility of a universal pattern: A systematic review. *Brain Sciences*, 13(8), 1216.
- Grigorian, H. L., Brem, M. J., Shorey, R. C., Anderson, S., & Stuart, G. L. (2020). Mindfulness and early maladaptive schemas among men in treatment for substance use disorder. *Mindfulness*, 11(7), 1690-1698.
- Gulder Altuner, O., & Yazarbas, G. (2024). Investigation of early maladaptive schemas and coping strategies in turkish adults under probation. *Health & Social Care in the Community*, 2024(1), 8953611.
- Janovsky, T., Rock, A. J., Thorsteinsson, E. B., Clark, G. I., & Murray, C. V. (2020). The relationship between early maladaptive schemas and interpersonal problems: A meta-analytic review. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, 27(3), 408-447.
- Joshua, P. R., Lewis, V., Simpson, S., Kelty, S. F., & Boer, D. P. (2024). What role do early life experiences play in eating disorders? The impact of parenting style, temperament and early maladaptive schemas. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, 31(1), e2904.

- Khosravani, V., Sharifi Bastan, F., Mohammadzadeh, A., Amirinezhad, A., & Samimi Ardestani, S. M. (2021). Early maladaptive schemas in patients with obsessive-compulsive disorder, bipolar disorder, and schizophrenia: A comparative study. *Current Psychology, 40*(5), 2442–2452.
- Korkmaz, U., Sarisoy, G., Çetin, E., & Doydu, Y. (2024). The relationship between early maladaptive schemas and childhood traumas in patients with bipolar disorder. *Current Psychology, 43*(31), 25988-25995.
- Krupiniski, J. R., & Gomide, P. I. C. (2022). Estilos parentais, impulsividade e comportamento de jovens universitários condutores. *Psico, 53*(1), e37260.
- Lobbestael, J., van Vreeswijk, M., Spinhoven, P., Schouten, E., & Arntz, A. (2010). Reliability and validity of the short schema mode inventory (SMI). *Behavioural and Cognitive Psychotherapy, 38*(4), 437-458.
- Luz, F. Q., Santos, P. L., Cazassa, M. J., & Oliveira, M. S. (2014). Diferenças nos esquemas iniciais desadaptativos de homens e mulheres. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, 8*(2), 85-92.
- Maher, A., Cason, L., Huckstepp, T., Stallman, H., Kannis-Dyand, L., Milliar, P., ... Allen, A. (2022). Early maladaptive schemas in eating disorders: A systematic review. *European Eating Disorders Review, 30*(1), 3-22.
- Mota, C. P., & Assunção, S. D. (2023). Estilos parentais e vinculação aos pares fazem a diferença nos motivos do consumo de álcool em jovens universitários? *Avances en Psicología Latinoamericana, 41*(1).
- Nicol, A., Mak, A. S., Murray, K., Walker, I., & Buckmaster, D. (2020). The relationships between early maladaptive schemas and youth mental health: A systematic review. *Cognitive Therapy and Research, 44*(4), 715-751.
- Peeters, N., van Passel, B., & Krans, J. (2022). The effectiveness of schema therapy for patients with anxiety disorders, OCD, or PTSD: A systematic review and research agenda. *British Journal of Clinical Psychology, 61*(3), 579-597.
- Pilkington, P. D., Bishop, A., & Younan, R. (2021). Adverse childhood experiences and early maladaptive schemas in adulthood: A systematic review and meta-analysis. *Clinical Psychology & Psychotherapy, 28*(3), 569-584.
- Pumariega, Y. N. (2024). *Esquemas iniciais desadaptativos, modos esquemáticos e estilos parentais em indivíduos com transtornos por uso de substâncias* [tese de doutorado]. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Puri, P., Kumar, D., Muralidharan, K., & Kishore, M. T. (2021). Evaluating schema modes and cognitive distortions in borderline personality disorder: A mixed-method approach. *Journal of Clinical Psychology, 77*(9), 1973-1984.
- Remmerswaal, K. C., Cnossen, T. E., van Balkom, A. J., & Batelaan, N. M. (2023). Schema therapy with cognitive behaviour day-treatment in patients with treatment-resistant anxiety disorders and obsessive-compulsive disorder: An uncontrolled pilot study. *Behavioural and Cognitive Psychotherapy, 51*(2), 174-179.
- Ribeiro, F., Santos, P. L. D., Cazassa, M. J., & Oliveira, M. S. (2014). Esquemas desadaptativos tempranos y síntomas depresivos: Estudio de comparación intergrupar. *Revista Argentina de Clínica Psicológica, 23*(1), 15-22.
- Ribeiro, J. C. S. (2023). *O mapeamento da ativação esquemática em indivíduos com transtorno depressivo persistente* [dissertação de mestrado]. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Rubio-Escobar, E., Sión, A., Rodríguez, L. E., Jurado-Barba, R., Sánchez, D. M., Armada, V., ... Rubio Valladolid, G. (2024). New approach to early maladaptive schemas and its relationship with alcohol use disorder. role of psychopathology and prognostic variables. *The Spanish Journal of Psychology, 27*, e23.
- Sakulsriprasert, C., Thawornwutichat, R., Phukao, D., & Guadamuz, T. E. (2023). Early maladaptive schemas and addictive behaviours: A systematic review and meta-analysis. *Clinical Psychology & Psychotherapy, 30*(6), 1416-1432.
- Sales, S. S., & Camargo Palma, P. (2021). Esquemas iniciais desadaptativos e transtorno de compulsão alimentar e obesidade: Uma revisão integrativa. *ID on line: Revista de Psicologia, 15*(55), 621-640.
- Santos, M. B., Lara Machado, W., Heinen, M., & Oliveira, M. S. (2021). Evidências de validade do inventário de evitação de Young-Rygh (YRAI) para a população do Rio Grande do Sul. *Revista Psicologia: Teoria e Prática, 23*(1), ePTPPE13366.
- Santos, M. B. D., Machado, W. D. L., Ávila, A. C. D., & Oliveira, M. D. S. (2022). Evidências de validade do inventário de compensação de Young (YCI) para a população do Rio Grande do Sul. *Psico-USF, 27*(2), 331-343.
- Sberse, L. B., Ávila, A. C., Carvalho, C. D. P., Rospide, E. B., Alexandre, B. S., & Oliveira, M. S. (2023). Esquemas iniciais desadaptativos e modos esquemáticos em mulheres dependentes químicas com transtorno de personalidade borderline. *SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas, 19*, e-199028.
- Shute, R., Maud, M., & McLachlan, A. (2019). The relationship of recalled adverse parenting styles with maladaptive schemas, trait anger, and symptoms of depression and anxiety. *Journal of Affective Disorders, 259*, 337-348.
- Silva, J. G. D., Cazassa, M. J., Oliveira, M. D. S., & Gauer, G. C. (2012). Avaliação dos esquemas iniciais desadaptativos: Estudo psicométrico em alcoolistas. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 61*(4), 199-205.
- Sojta, K., & Strzelecki, D. (2023). Early maladaptive schemas and their impact on parenting: Do dysfunctional schemas pass generationally? A systematic review. *Journal of Clinical Medicine, 12*(4), 1263.
- Souza, L. H., Damasceno, E. S., Ferronato, F. G., & Oliveira, M. S. (2020). Adaptação brasileira do questionário de esquemas de Young-versão breve (YSQ-S3). *Avaliação Psicológica, 19*(4), 451-460.
- Thimm, J. C., & Chang, M. (2022). Early maladaptive schemas and mental disorders in adulthood: A systematic review and meta-analysis. *International Journal of Cognitive Therapy, 15*(4), 371-413.

- Valentini, F. (2009). *Estudo das propriedades psicométricas do Inventário de Estilos Parentais de Young no Brasil* [dissertação de mestrado]. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. pp. 136.
- Valentini, F., & Alchieri, J. C. (2009). Modelo clínico de estilos parentais de Jeffrey Young: Revisão da literatura. *Contextos Clínicos*, 2(2), 113-123.
- Valentini, F., Alchieri, J. C., Laros, J. A. (2013). Validity evidence for the reduced version of the young parenting inventory (YPI). *Paidéia*, 23(56), 293-300.
- Vieira, C., Kuss, D. J., & Griffiths, M. D. (2023). Early maladaptive schemas and behavioural addictions: A systematic literature review. *Clinical Psychology Review*, 105, 102340.
- von Mühlen, M. C., & von Mühlen, N. M. D. S. (2024). Autolesão não suicida em adolescentes e adultos e sua relação com esquemas iniciais desadaptativos: Uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 20(1), e20240441.
- Wainer, R., Paim, K., Erdos, R., & Andriola, R. (2016). *Terapia cognitiva focada em esquemas: Integração em psicoterapia*. Artmed.
- Young, J. E. (1995). *The Young compensation inventory*. Cognitive Therapy Centre of New York.
- Young, J. E. (1999). *Cognitive therapy for personality disorders: A schema-focused approach* (3rd ed.). Professional Resources.
- Young, J. E., & Brown, G. (2005). *Young schema questionnaire-short form; version 3 (YSQ-S3, YSQ)*. APA PsycTests.
- Young, J. E., & Rygh, J. (1994). *Young-Rygh avoidance inventory (YRAI)*. Cognitive Therapy Center.
- Young, J. E., Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2003). *Schema therapy: A practitioner's guide*. Guilford.
- Young, J. E., Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2008). *Terapia do esquema: Guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras*. Artmed.
- Zanfir, A. G. (2024). Exploring the interplay between early maladaptive schemas and depression: A comparative analysis. *European Psychiatry*, 67(S1), S256.
- Zhang, K., Hu, X., Ma, L., Xie, Q., Wang, Z., Fan, C., & Li, X. (2023). The efficacy of schema therapy for personality disorders: A systematic review and meta-analysis. *Nordic Journal of Psychiatry*, 77(7), 641-650.

Artigo submetido em: 15 de dezembro de 2024.

Artigo Aceito em: 22 de abril de 2025.

Artigo publicado online em: 17 de novembro de 2025.

Fonte de financiamento: a primeira autora é bolsista de doutorado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). A segunda autora é bolsista de iniciação científica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Editora responsável:

Marcela Mansur-Alves

Outras informações relevantes:

Este artigo foi submetido no GNPapers da RBTC código 565.